

RHORMENS, Mariana Conde. Um olhar sobre as máscaras de Mapiko: apropriação técnica, simbólica e criativa da máscara. Campinas: UNICAMP; mestrandia; Professor Doutor Matteo Bonfitto Júnior. Atriz.

## RESUMO

O presente trabalho propõe um estudo teórico acerca dos saberes tradicionais das máscaras de Mapiko, manifestação cultural de Moçambique. O Mapiko tem um espaço muito significativo na cultura dos Macondes na província de Cabo Delgado. Rodeada de mistérios e segredos a manifestação mistura música, dança e cena representando o imaginário do povo Maconde. A manifestação apresenta a existência do mundo sobrenatural e a convicção na ligação lógica entre o dançarino principal e as suas crenças, dando a capacidade de recriar na arte os diferentes modos de estar na vida espiritual, usando a força da sua história e do seu cotidiano transmitindo em cada dança as suas convicções. Mapiko é o nome dado à manifestação e à máscara utilizada. No Mapiko são usadas dois tipos de máscaras: a facial, que cobre apenas o rosto e a máscara capacete, que cobre toda a cabeça, ambas são feitas de madeira. Este trabalho pretende explorar questões relacionadas ao processo de apropriação técnica, simbólica e criativa do performer que utiliza tais máscaras.

**Palavras-chave:** Mapiko. Máscara. Moçambique.

## ABSTRACT

This work proposes a theoretical study on the traditional knowledge of Mapiko masks, cultural manifestation of Mozambique. Mapiko has quite a meaningful space in the culture of Macondes at the province of Cabo Delgado. Surrounded by mysteries and secrets the manifestation combines music, dance and theatre representing the imaginary of the Maconde people. Such manifestation presents the existence of the supernatural world and the conviction in the logical connection between main dancer and his beliefs, enabling the regeneration of different states of being in spiritual life through art, using the strength of his History and daily life transmitting his convictions in each dance. Mapiko is the name given to the manifestation and to the mask. There are two kinds of Mapiko masks: the facial mask, which covers only the face, and the helmet mask, which entirely covers the head, both made of wood. This work intends to explore issues related to the technique, symbolic and creative process of the performer who wears such masks.

**Key words:** Mapiko. Mask. Mozambique.

O Mapiko é uma dança tradicional de Moçambique realizada pelo povo Maconde. Mapiko é o nome dado a dança e as máscaras utilizadas. Ao ritmo da percussão e de cantos tradicionais, o Lipiko (*performer* mascarado) incorpora os espíritos de antepassados e expressa a sua visão da vida e da

sociedade. Pela riqueza e valor cultural que possui, o Mapiko foi reconhecido pela UNESCO como patrimônio cultural da humanidade.

Moçambique passou por muitas transformações políticas que reestruturaram o país social e culturalmente. Tornou-se colônia de Portugal e depois de uma guerra de libertação, com a configuração de um Moçambique livre em 1975, passou por um regime socialista e chegou ao pluripartidarismo (situação atual). A província de Cabo Delgado, onde vivem o povo Maconde, foi palco da guerra de libertação (1964-1974), convivendo com exércitos portugueses e guerrilheiros moçambicanos e participando efetivamente da guerra. Durante um período muitos fugiram para o sul da Tanzânia, de onde depois regressaram, conquistando um Moçambique livre.

Vivenciadas todas as transformações históricas, políticas e sociais, os Macondes e seus costumes, crenças, organizações sociais e festas se modificaram com o passar dos anos. Desta forma notamos distintas formas de Mapiko que foram realizadas no passado e que são apresentadas hoje em dia. Os Macondes mantiveram durante anos um olhar bifurcado, olhando tanto para fora como para dentro. Eles se envolvem com o mundo externo, mas sempre tratam também de sua sociedade própria. Criam linguagens conceituais para compreender suas situações, olhar seus desejos e estruturar suas ações. Segundo Alexander Bortolot, o Mapiko constitui um esquema onde os indivíduos Macondes exercem essa prática de olhar dentro e fora, articulando questões sociais e de identidades.

O Mapiko originalmente era realizado em iniciações masculinas e seus segredos eram guardados e nunca revelados às mulheres. A preparação para o Mapiko assim como a casa onde se guardavam todo o material necessário para a dança (máscaras, roupas, tambores) só poderia ser frequentada por homens e rapazes já iniciados. O mascarado, Lipiko, deveria ser um homem com idade entre 15 e 40 anos e sua identidade era secreta. As máscaras simbolizavam o espírito de um defunto. Os segredos e mistérios a volta da dança do Mapiko tinham originalmente a função de vincular a supremacia do homem sobre a mulher, colocando-o em superioridade ou equilibrando os poderes já que tradicionalmente em épocas remotas, na sociedade Maconde ainda matrilinear, as mulheres eram muito poderosas, sendo responsáveis por decisões políticas e dominando a magia e as poções.

O Mapiko, assim como o desempenho do mascarado, sofreu diversas modificações ao longo dos anos. Essas mutabilidades do Mapiko que o fizeram sobreviver até os dias de hoje. Atualmente os Macondes entendem o mascarado como simultaneamente um homem em desempenho competitivo, uma representação dramática de um personagem e uma encarnação de um espírito ancestral. O Mapiko tornou-se uma forma de arte composta por uma constelação de conceitos, associações e convenções onde através delas os indivíduos continuam afirmando suas visões de mundo e suas posições dentro dele. Para maior compreensão das variações sofridas pelo Mapiko e

desempenho do Lipiko durante os anos, discorreremos sobre as transformações históricas e suas influências no Mapiko.

A Era Colonial começou em Cabo Delgado em 1930. Até então os Macondes viviam e se organizavam na sociedade através do clã matrilinear, ou seja, os jovens que deixavam as casas de seus pais para viver na casa dos irmãos de suas mães recebiam terra, dinheiro e bens para embarcar em suas vidas adultas. Grupos de Mapiko desta época eram compostos por homens da mesma linhagem e chefiados pelos mais velhos. Estes davam preferência à base espiritual do Mapiko. As máscaras representavam tipos de Macondes. As coreografias eram frenéticas, agressivas e desestruturadas. Os cantos e gritos durante a manifestação eram agressivos e tinham a intensão de depreciar e rebaixar os adversários (outros grupos de Mapiko).

Na época da Colônia novas oportunidades sociais e econômicas surgiram, como por exemplo, o trabalho migratório, a conversão religiosa e escultura comercial. Elas permitiram uma maior liberdade dos jovens, dando mais autonomia a eles, pois podiam depender menos do patrocínio dos mais velhos e seguir suas próprias ambições na sociedade. Muitos grupos começaram a se formar não mais por parentesco ou linhagem, mas através de redes de amizade entre os companheiros que tinham realizados suas iniciações juntos. Esses novos grupos de Mapiko já não davam preferência à base espiritual do Mapiko, mas representavam suas próprias experiências contemporâneas. As máscaras de Mapiko que começaram a surgir expandiam os limites até então explorados, incluindo caricaturas de outras etnias africanas e de europeus. A coreografia tornou-se mais complexa e era elaborada de uma forma mais narrativa.

Após a independência de Moçambique (1975), a população Maconde foi organizada pelo Estado socialista, de tal modo a fomentar a participação na vida política, social e econômica controlada pelo Estado e a romper alianças familiares. O Estado estimulava ainda mais essa participação recompensando aqueles que mostravam maior lealdade ao governo, colocando-os em posições de influência dentro da organização social, política ou econômica e ignorando as elites tradicionais (normalmente composta pelos mais velhos e especialistas em rituais). Durante este período o Estado se utilizou do Mapiko como meio de comunicação ideológica. Patrocinava grupos de dança que desenvolviam dentro do Mapiko princípios socialistas. Surgiram então máscaras de heróis militares, cidadãos idealizados e personagens alegóricas representando virtudes cívicas. As coreografias eram menos agressivas e continham agora componentes de dramaticidade. Os cantos passaram a se vangloriar, ao invés de insultar os adversários. As mulheres, depois de serem aceitas como soldados e lutarem ao lado dos homens na guerra de libertação, foram incluídas no Mapiko. O Mapiko passou então a se distanciar do ritual e aproximar-se da representação teatral.

Atualmente o Mapiko ainda é realizado para marcar o final de rituais de iniciação masculina, mas acontece com maior frequência em competições que são organizadas por grupos de diferentes aldeias semanal ou mensalmente. O Mapiko também pode ser assistido em celebrações funerárias e festas de feriados nacionais.

A história do Mapiko é marcada por modificação em suas máscaras, coreografias, cantos e taboares. Hoje em dias muitos tipos de Mapiko coexistem na província de Cabo Delgado. Coexistem, entre os Macondes, Mapikos chamados de tradicionais ou clássicos e Mapikos modernos. As formas tradicionais visam um maior apego as tradições e aos segredos. Já as modernas trazem inovações atingindo grande popularidade nos dias de hoje.

Walikuti é a forma de Mapiko mais antiga e que ainda é praticada. Seus grupos são formados normalmente por homens mais conservadores quanto à orientação e realização do Mapiko. Conservam a tradição recusando-se a usar máscaras que representam outros indivíduos que não os próprios Macondes. Seus dançarinos não se desviam das coreografias e passos “padrões” do Mapiko tradicional, evitando os passos associados a outros estilos de dança que traduzem ações cotidianas em movimento rítmico. Suas coreografias são normalmente formais e rítmicas, sem componentes dramáticos ou representacionais. O Wanshesho é outra forma de Mapiko tradicional realizada na atualidade. Diferentemente do Walikuti possui um grau maior de representação nas máscaras e nas coreografias. Trata de vários assuntos, pois inclui máscaras de não-humanos e de indivíduos específicos. Suas coreografias incluem, junto aos passos tradicionais do Mapiko, passos que remetam a ações cotidianas.

Os Mapikos modernos recebem o nome de Mashalawesha e são geralmente realizadas por jovens. Contam com inovação, humor e uma maior interação com os espectadores para atraí-los. As máscaras podem ser de face ou capacete, de animais ou de pessoas e os figurinos são frequentemente confecções obscenas ou bizarras, criados para desviar a atenção dos Mapikos mais conservadores. São muito populares e frequentemente ganham oferendas como dinheiro, comida ou cigarros. Essas formas de Mapiko moderno são geralmente praticadas durante grandes festas, como originalmente nos finais dos ritos de iniciações, mas também em outras formas como comemorações de feriados nacionais, campanhas políticas ou em jogos de futebol. Algumas formas de Mapiko moderno propõem um início diferenciado onde o dançarino começa sua atuação fora do espaço de dança, em seguida, corre para dentro do espaço estipulado para a representação. Às vezes chega a entrar em uma bicicleta, buscando mais dramaticidade e efeito cômico. Muitas vezes o Lipiko rompe com o espaço delimitado para a representação, perfurando o espaço do público e voltado ao da dança. Desta forma, de uma maneira física une os espectadores e os artistas. Os grupos mais tradicionais de Mapiko julgam essas atitudes coreográficas, loucuras para agradar a multidão. Segundo eles a separação física entre público e artistas deve ser mantida. Geralmente os

grupos mais tradicionais disponibilizam dois membros para cuidar da multidão, limitando o espaço e preservando-o. Já os grupos mais jovens incorporam essa função nas coreografias do mascarado, perfurando o espaço bruscamente ou realizando movimentos onde a aproximação pode causar ferimentos. Podem realizar dentro de suas coreografias quedas, chutes e socos, forçando a separação público-artistas. Desta forma o próprio Lipiko mantém o público em um lugar e os artistas em outro.

A apropriação da máscara pelo Lipiko e sua performance difere-se de épocas e de tipos de Mapiko realizados, entretanto todas apresentam algumas características mesmas ou que se assemelham. As coreografias são normalmente elaboradas com antecedência, mas sua ordem e ritmo são determinadas pelo Lipiko e músicos em resposta ao recebimento e entusiasmo do público. O movimento do Lipiko está sempre emparelhado com os sons e ritmos produzidos pelos tambores. Os ritmos dirigem sua movimentação através de variações. O dançarino responde a tais variações com diferentes níveis de energia e mudanças no andamento de sua dança. O Lipiko atua como uma união de som e movimento, pois além de estar sempre conectado ao ritmo dos tambores, também produz sons através de pequenos instrumentos de percussão que são colocados juntos ao seu traje. Determina a natureza de sua coreografia a partir de movimentos com determinada parte do corpo onde estão localizados os instrumentos. Em geral, a dança tende a isolar os movimentos dos pés, braços e ombros. Existe um conjunto básico de movimentos que funciona como uma assinatura que em geral todas as formas de Mapiko utilizam em determinado momento. Um desses movimentos básicos seria o andar de costas rapidamente atravessando o espaço da dança, com a parte superior do corpo completamente rígida e cotovelos apontando para fora, onde os pés do dançarino arrastam-se e batem no chão produzindo uma nuvem de areia e poeira.

Os Macondes durante anos vêm transformando a linguagem do Mapiko, criando outros seres a representar, outras formas estéticas, outros ritmos e etc. Independente de sua forma e gênero a apropriação da máscara pelo Lipiko e sua atuação é uma combinação de preparação, talento e inspiração que indica um verdadeiro domínio do Mapiko. A manifestação cultiva a história e signos do povo Maconde ao mesmo tempo em que traz a possibilidade de diálogo com o momento atual, podendo ser representado e simbolizado algo presente que mantém viva a história desse povo, transmitindo valores, memórias e ensinamentos àqueles que assistem e participam.

## BIBLIOGRAFIA

BORTOLOT, Alexander. **A Language for Change: Creativity and Power in Mozambican Makonde Masked Performance, circa 1900-2004.** 2007. Tese(doutorado)Columbia University.

DIAS, Jorge. **Os Macondes de Moçambique III Vida Social e Ritual.** Lisboa : Bertrand Irmãos, Lda, , 1964.

ARTE DA CENA:  
A PESQUISA EM  
DIÁLOGO COM  
O M U N D O

VII Reunião Científica  
da ABRACE

27 a 29 outubro 2013  
UFMG - Belo Horizonte



FERREIRA, Rita. **Povos de Moçambique: história e cultura.** Porto:  
Afrontamento, 1975.